

PERCEPÇÕES DE ALUNOS SOBRE A FIGURA SOCIAL DO PROFESSOR

Ana Carolina Faria Coutinho Gléria *
Herbert Luan Lopes da Silva **

Resumo: A profissão docente no Brasil é permeada historicamente por inúmeros estigmas sociais: a baixa remuneração, as condições precárias das escolas públicas, a indisciplina dos alunos, a sobrecarga de trabalho e vários outros fatores, que tornam suas condições de trabalho difíceis; além da difusão da opinião da mídia e de grupos sociais, que criam estereótipos caricaturados. Assim sendo, configurou-se, como objetivo desta pesquisa, analisar quais os perfis docentes materializados, através dos discursos de discentes do ensino médio em uma escola pública. Para isso, a metodologia teve uma abordagem qualitativa, com auxílio de uma pesquisa de campo apoiada por intermédio de entrevistas com estudantes, tendo como fundamento, para sua interpretação, a análise do discurso e as concepções entre escola e sociedade. As respostas foram divididas em quatro categorias, cujos resultados sugerem que a percepção dos alunos sofre influências, tanto das interações diárias com os mais variados tipos e estilos de professor, como também pelos estigmas que a sociedade tem sobre a profissão docente. Nossas conclusões apontam que a visão dos discentes sobre o professor é pautada na perspectiva da desvalorização profissional do docente, mas também apoiada no fato de o professor ser um construtor de conhecimento, um sujeito inteligente e que sabe lidar com as mais diversas realidades, as quais estão presentes no cotidiano de uma sala de aula.

Palavras-chave: Profissão docente, estereótipos docentes, formação de professor.

STUDENTS PERCEPTIONS OF THE SOCIAL FIGURE OF THE TEACHER

Abstract: The teaching career in Brazil is historically pervaded by several social stigmas. Low wages, precarious work conditions in public schools, students' indiscipline, work overload and several other factors make the work conditions difficult, in addition to the dissemination of media opinion and social groups that create caricatured stereotypes. Therefore, the objective of this research is to analyze the kind of teacher profiles that materialize through the speeches of students from a public school. With this objective we apply a methodology that has a qualitative approach, with the aid of a field research supported through interviews with students. The fundamentals for its interpretation is the Discourse Analysis and the conceptions between school and society. The answers were divided into four categories, the results of which suggest that the students perceptions are influenced both by daily interactions with the most varied types and styles of teachers and also by the stigmas that society has about the teaching profession. Our conclusions point out that the students' view of the teacher is based on the perspective of the professional devaluation of the teacher, but also supported by the fact that the teacher is a knowledge builder, an intelligent subject who knows how to deal with the most diverse realities, which are present in the everyday life of a classroom.

Keywords: Teaching profession, teaching stereotypes, teacher education.

Introdução

Múltiplas visões e perspectivas da escola rondam, historicamente, a pedagogia brasileira. É sabido que a imagem social do profissional docente na sociedade brasileira é ambivalente, pois tanto se entende que o professor é uma importante

ponte para o futuro de milhares de crianças e jovens, como também se percebe seu pouco reconhecimento, sua baixa remuneração e status social, apesar da sua importância para o desenvolvimento político e socioeconômico do país. Diante dessa problemática, surgiu o interesse de investigar como tal ambivalência circula dentro dos discursos dos alunos do ensino médio, visto que estes estão inseridos diretamente na realidade escolar e convivem diariamente com a figura do professor.

A pesquisa tem sua importância, na medida em que mostra ao docente como ele é visto pelos alunos: um ser desvalorizado, sabe-tudo, construtor de conhecimento, ou aquele que é obrigado a lidar com a indisciplina das suas turmas. É importante a análise dessas percepções para que nós, professores, possamos refletir e agir, de forma a reconstruir e valorizar nossa imagem enquanto sujeitos formadores.

Sabemos que, corriqueiramente, a mídia e muitos grupos sociais têm o poder de criar e difundir estereótipos sobre a figura social docente e da sua profissão. Para tanto, configurou-se como objetivo principal desta pesquisa analisar quais os perfis docentes materializados através dos discursos de discentes. A metodologia possui um caráter qualitativo, o que permite evidenciar aspectos dinâmicos e individuais dos sujeitos investigados, ideal para uma melhor compreensão e análise da totalidade do fenômeno a ser investigado.

Ludke e André, ao definirem a pesquisa qualitativa, defendem que:

Envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto, e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. Caracteriza-se como uma pesquisa de campo, na qual o pesquisador fica em contato direto com o pesquisado, possibilitando uma maior interação. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 13).

Na pesquisa qualitativa, há uma preocupação em retratar a perspectiva dos sujeitos, favorecendo uma análise dos discursos dos participantes, sem uma generalização dos dados obtidos. Essa perspectiva fundamenta o que defendemos, de que a Análise do Discurso trabalha com o sentido discursivo. Ludke e André afirmam, quanto à pesquisa qualitativa, que:

O “significado” que as pessoas dão às coisas e à vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos, há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes”, isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 13).

O corpo da pesquisa é composto por 14 alunos de 1º e 2º anos do ensino médio de uma escola pública de Maceió, Alagoas. As perguntas tiveram o intuito de verificar, selecionar e categorizar que tipos de discursos eram enunciados pelos sujeitos da pesquisa, no que diz respeito à percepção deles a respeito da figura do professor e da profissão docente. Utilizamos 06 (seis) perguntas abertas, que foram aplicadas em formato de questionário, e as respostas foram analisadas com base na análise do discurso desses alunos. Para esta empreitada, necessitamos do respaldo teórico de alguns estudos, como: Nacarato *et al.* (1998) sobre o cotidiano do trabalho docente; o capítulo de Fernando Mussalim (2012), no livro *Introdução à linguística, vol.2: domínios e fronteiras* sobre a Análise do Discurso (AD); Brandão (1998), com seu livro *Introdução à Análise do Discurso*; Libâneo (2010, 2013 e 2014) e Masetto (1997), nos contextos voltados à sala de aula e à relação professor/aluno; Aquino (1998) sobre indisciplina na sala de aula e, por fim, a análise do filósofo Mário Sérgio Cortella (1998) acerca da relação entre escola e sociedade.

Dessa forma, doravante serão tecidas considerações sobre a Análise do Discurso (AD), que fundamentam o presente artigo, além de algumas relações entre escola e sociedade para, em seguida, apresentarmos os discursos dos sujeitos e suas respectivas categorias de análise, retomando, analisando e evidenciando o problema da pesquisa, ao qual este trabalho se propõe.

1 A Análise do Discurso

Os estudos linguísticos de Ferdinand de Saussure, durante o início do século XX, culminaram na criação do Curso de Linguística Geral (CLG) pelos seus discípulos, logo após sua morte. Essa obra configurou à Linguística ares de autonomia e cientificidade. Contudo, sua teoria era estritamente estruturalista, ou seja, apenas focava-se na língua como um sistema ordenado de signos e, para validar sua ideia, Saussure se baseava em dicotomias, como por exemplo: língua e fala, significado e

significante, sintagma e paradigma, entre outras. O social e os demais fenômenos externos ao sistema linguístico foram deixados à parte por Saussure, pelo fato de que:

Na conjuntura estruturalista, havia autonomia relativa da língua unanimemente reconhecida. Isso porque, devido ao recorte que as teorias estruturalistas da linguagem fazem parte de seu objeto de estudo – a língua –, torna-se possível estudá-la a partir de regularidades e, portanto, apreendê-la na sua totalidade (pelo menos, é nisso que crê o estruturalismo), já que as influências externas de irregularidades não afetam o sistema, por não serem consideradas partes da estrutura. (MUSSALIM, 2012, p. 114).

Na Rússia, logo depois, o filósofo e linguista Mikhail Bakhtin, apesar de ser bastante influenciado por Saussure, atribuiu à língua como um fato social, colocando à parte o estruturalismo saussuriano; para ele, o sistema linguístico se gerou e se mantém por causa das interações sociais dos seus falantes.

Bakhtin (1929/1988) considera que a verdadeira substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal, e que o ser humano é inconcebível fora das relações com o outro. Partindo desse pressuposto, critica a concepção de língua enquanto estrutura, argumentando que, ao ser tomada como alheia aos processos sociais, passa a não ser articulável com uma prática social concreta, com a história e tampouco com o sujeito. (MUSSALIM, 2012, p. 150).

Ainda segundo o linguista russo, a língua não é um espaço monológico; mas, sim, dialógico e que é exercido pelos múltiplos diálogos entre os sujeitos. Nesse processo, nada é completamente original: tudo o que é dito, ou já foi dito, ou fora criado a partir de algo que já existia; assim sendo, os discursos na língua são mantidos e/ou reconstruídos através das condições: sociais, históricas e culturais em que os falantes estão inseridos, sendo sempre subordinados a algum tipo de ideologia, que é responsável pela plurivalência de sentidos na língua.

Para Bakhtin, a palavra é o signo ideológico por excelência; é, pois, produto da interação social, ela se caracteriza pela plurivalência. Por isso, é o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia; retrata as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes, pontos de vista daqueles que a empregam. (BRANDÃO, 1998, p. 10).

É importante destacar que as ideias de Bakhtin se deram, em grande parte à sua influência pelo marxismo juntamente a uma leitura crítica da teoria estruturalista de Saussure. Logo depois, entre as décadas de 1960 e 1970, outra geração de linguistas e filósofos buscou envolver o estruturalismo saussuriano e outras áreas da Linguística mais outros seguimentos das ciências humanas, tais como: o marxismo; principalmente, a psicanálise freudiana e lacaniana, a história, a sociologia, entre outras.

Na década de 1970, o filósofo marxista Louis Althusser elaborou uma obra com o título *Ideologia e aparelho ideológico do estado*. Nela, ele focou em analisar as diferenças entre as teorias das ideologias particulares e a teoria da ideologia geral. Para discuti-las, é preciso entender como Karl Marx concebia a ideia de estado: o intelectual alemão afirmou que o estado seria o comitê da burguesia, ou seja, ele serviria para atender às demandas e exigências da classe dominante, que detém, em suas mãos, o poder dos Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE), que são impostos através dos Aparelhos Repressivos do Estado (ARE).

Através dos AIE, pode-se compreender como as ideologias instituídas funcionam e atuam na sociedade. E uma dessas formas de atuação e materialização dos AIE, senão a principal delas, é aquele exercido por meio do discurso. Por isso, o discurso é o principal objeto de estudo da AD. O projeto de Althusser é considerado pioneiro, por entender o funcionamento das ideologias, partindo das práticas e dos discursos, tendo como base a Linguística e as demais áreas das ciências humanas, para compreender o modo como elas se constituem e agem no comportamento e no pensamento da sociedade.

Michel Pêcheux, outro importante intelectual da AD, baseou um método de análise sobre como as condições de criação do discurso são formadas e influenciam a sociedade de uma época, verificando o seu contexto: social, político, histórico e econômico.

Outro filósofo bastante célebre nos estudos da AD é Michel Pêcheux, que analisará o discurso partindo da relação com o sujeito (falante) e as ideologias reproduzidas. Além disso, Pêcheux desenvolveu um método de análise para a recém-nascida AD; segundo ele, seria necessário ao pesquisador levar em conta a forma como os objetos e protagonistas são lançados nas condições de discurso; mas, também, compreender os processos de produção discursiva, que são

executados por uma espécie de “máquina discursiva”, entendidas como as formas possíveis que os discursos podem assumir em uma dada época, a depender, claro, das relações ora conflitantes, ora apaziguadoras entre as diferentes classes sociais. (MUSSALIM 2012, p. 118).

A psicanálise de Freud influenciou, também, a Análise do Discurso, pois afirmou que grande parte do nosso “eu” é desconhecida; por isso, supôs-se que deveria haver uma região da psique humana responsável por guardar tudo que nos é incógnito. A essa parte Freud denominou como o inconsciente. Lacan, psicanalista e filósofo, influenciado tanto por Freud, quanto pelo estruturalismo, observou que grande parte do inconsciente pode ser acessado por meio das palavras que se encaixam com outras, gerando, assim, o discurso, que é sempre atravessado pelo outro. Dessa forma, a tarefa do analista seria de emergir o conteúdo inconsciente, examinando palavra por palavra, e desse jeito, descobrir como o discurso do outro se incorpora no discurso do sujeito analisado.

A noção de sentido para a AD se converge, de acordo com o interior do espaço interdiscursivo, que se associa às formações discursivas (FD). É importante frisar que as FDs são heterogêneas; portanto, será possível inferir por meio delas várias interpretações possíveis para um mesmo discurso, sempre levando em conta: o contexto ideológico, a posição social ou hierárquica e as interações sociais em que o sujeito está inserido.

O que é o que não é possível de ser enunciado por um sujeito já está, em alguma medida, demarcado pela própria formação discursiva, na qual está inserido. Os sentidos possíveis de um discurso, portanto, são sentidos fortemente condicionados pela própria identidade de cada uma das formações discursivas, colocadas em relação ao espaço interdiscursivo. (MUSSALIM, 2012, p. 154).

Portanto, na AD a linguagem vai além do texto, trazendo sentidos pré-construídos do que já vem sendo dito, coberta de ideologias, como uma “memória do dizer”, que é o interdiscurso, ou seja, uma memória coletiva constituída socialmente, onde o sujeito tem a ilusão de ser dono do seu discurso e de ter controle sobre ele; porém, não percebe estar dentro de “uma bolha”, porque todo o discurso já foi dito anteriormente. Com base nesse contexto, procuramos nos apoiar na AD para a interpretação das falas coletadas.

2 Concepções das relações entre escola e sociedade

O filósofo e educador brasileiro Mário Sérgio Cortella (1998), em seu livro: *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*, classifica que, ao longo da história, três tipos de concepção das relações entre a escola e a sociedade coexistem no âmbito pedagógico nacional, que são elas: otimista ingênua, pessimista ingênua e otimista crítica.

A primeira concepção é muito notável no pensamento da sociedade brasileira, no sentido de conceber a instituição escolar através do otimismo ingênuo. Nessa visão, a educação possui caráter messiânico, pois tem a missão de salvar e alavancar uma nação para o desenvolvimento e o progresso; por isso, o professor é tratado como um sacerdote e alguém que possui uma vocação especial. Por conseguinte, as valorizações salariais e profissionais são deixadas de lado. Apesar de atribuir à escola e ao professor uma significação especial, é ingênua porque “dá à educação uma autonomia absoluta na sua isenção social e na capacidade de extinguir a pobreza e a miséria, que não foram criadas por ela originalmente” (CORTELLA, 1998, p. 132).

Já o pessimismo ingênuo é caracterizado por impor à educação uma forma de dominação socioeconômica das elites às classes subalternas. Nesse sentido, o professor e a escola são reprodutores da ideologia dominante. A organização escolar é constituída similarmente a uma organização do setor industrial; assim, a alienação ocorre semelhantemente como há entre os trabalhadores das fábricas. Fala-se que esta tendência é ingênua, porque não concede autonomia, nem à escola, nem aos professores, e pessimista porque desvaloriza a capacidade de a educação fazer justiça social.

Ambas as concepções são consideradas neutras politicamente, porque ignoram o caráter político da educação e sua capacidade de refletir e intervir criticamente na realidade. Já a visão do otimismo crítico é uma tendência que propõe à instituição escolar um papel político-ideológico. Assim sendo, tanto a escola quanto o professor possuem uma atividade consciente e, ao mesmo tempo crítica, por reconhecerem que a educação não é uma atividade nem neutra nem dominada por elites ou por burocratas. Por isso, reconhecem sua capacidade de autonomia relativa, através da introdução da escola na sociedade e vice-versa.

Analisaremos, a seguir, os discursos dos sujeitos pesquisados à luz dessas perspectivas apontadas por Cortella (1998), e das categorias cunhadas por nós.

3 Análise dos Discursos encontrados

Conforme exposto anteriormente, a pesquisa de campo deu-se em uma escola pública da cidade de Maceió, capital de Alagoas, com entrevista a 14 (quatorze) alunos de 1º e 2º anos do ensino médio, com a finalidade de coletar dados para se observar e analisar os estereótipos que os alunos carregam sobre a imagem do professor. Para tanto, elaboramos as seguintes perguntas:

- Para você o que é ser professor?
- Como você formou essa imagem do professor?
- Qual (is) característica (s) você acha mais marcante num professor?
- Você gostaria de ser professor? Por quê?
- Como são os professores com os quais você teve contato?
- Explique como é sua relação com os professores na sua escola.

Através das respostas dessas questões, constituímos quatro categorias dos discursos (externados pelos alunos), entre as quais selecionamos as respostas mais relevantes, e que mais corroboravam com o objetivo da pesquisa, para analisá-las, quais sejam:

Categoria 1 - Discursos marcados em conceber o professor como auxiliar no processo de ensino-aprendizagem;

Categoria 2 - Discursos marcados pela desvalorização do docente;

Categoria 3 - Discursos marcados por tratar a figura do professor como portador de conhecimento ilimitado;

Categoria 4 - Discursos marcados pelo reconhecimento das dificuldades do professor em lidar com a indisciplina em sala de aula.

A seguir, analisaremos as respostas dos alunos, à luz das quatro categorias expostas anteriormente.

3.1 Categoria 1 - Discursos marcados em conceber o professor como auxiliar no processo de ensino-aprendizagem

As falas abaixo retratam como alguns dos alunos entrevistados identificam o professor como um grande aliado nas etapas de ensino e aprendizagem, porém, a

questão notável é que os discursos foram baseados na concepção social e histórica que muito se tem a respeito da figura docente; mas também por meio do contato diário que os alunos têm com os estilos mais variados de professores.

*Aluno A.L.S: “Ser professor é ser paciente na hora de ensinar, é ser amigo na hora de **ajudar**, enfim professor é tudo de bom.”*

*Aluno C.D.S.F: “**O professor é um instrutor**, ou seja, é quando atribui a seus alunos todo seu aprendizado em determinada área, matéria. É organizado, incentivador, **ajudador** e etc.”*

*Aluno L.J.P.S: “São legais, no geral me **ajudam** muito.”*

*Aluno S. I: “Um professor tem que ser parceiro do aluno, ou seja, **ajudar**”.*

Em todas as quatro respostas acima, há a presença de derivações da palavra “ajudar” em destaque. Os alunos expressam, através dos seus discursos, o entendimento de como deveria ser a relação entre professores e alunos, conforme enfatiza a concepção da pedagogia progressista, entendendo o ensino como atividade de orientação realizada pelo professor de acompanhamento e de aprendizagem junto ao aluno. Assim, eles percebem que o professor não é um mero transmissor dos conteúdos, mas sim um construtor ou mediador, para que o aluno se aproprie do conhecimento de forma crítica e reflexiva. Entretanto, é importante observar a resposta de C.D.S.F, onde dois limiares de análise se apresentam. A primeira conceitua a figura do professor como um instrutor: “O professor é um instrutor, ou seja, é quando atribui a seus alunos todo seu aprendizado em determinada área, matéria”. A segunda parte age em conformidade com os outros discursos, qualificando o professor como “organizador, incentivador e ajudador”. Nesse sentido, o aluno expõe as diferenças existentes entre o que seria o professor instrutor e o professor educador. Este pode ser entendido como um profissional que busca recriar e atribuir novos sentidos às experiências de natureza teórico-vivencial, com o objetivo de atingir o conhecimento dos saberes instituídos, enquanto aquele pode ser definido como um profissional cumpridor de obrigações, porque é norteado pelo quantitativo e como instrumento de avaliação, tendendo a submeter o aluno ao adestramento do comportamento, com o intuito de apenas inculcar os saberes formais, sem refletir criticamente sobre suas práticas didáticas, conforme defende as tendências

pedagógicas liberais, principalmente a tecnicista. Assim, o professor, consoante declara Libâneo (2014, p. 31), passa a ter somente a função de “administrar as condições de transmissão da matéria, conforme um sistema instrucional eficiente e efetivo em termos de resultados da aprendizagem”, reduzindo, assim, a responsabilidade docente para uma mera transmissão da matéria, exaurindo a autonomia docente.

O discurso do aluno C.D.F.S. não é por acaso, pois atualmente as condições de trabalho do docente o reduziu à mera condição de operacionalizador. Isso pode ser relacionado ao fato de o material didático ter se tornado um manual único, normativo e orientador das atividades didáticas em sala de aula, que o torna um profissional alienado. O planejamento das aulas também fica prejudicado, se é que existe um planejamento, porque o docente já recebe em mãos um material que sequencia suas tarefas, transformando-se em rotineiras e acríticas. Essa condição do professor como operacionalizador foi apontada por Geraldi (2010), que defende uma didática baseada na integração entre o aqui e o agora, cujo conteúdo seja ensinado junto ao estudante, por entender que o saber é produto das práticas sociais e o conhecimento é a organização desse produto, feita de forma sistemática, racional e baseada na atividade científica. É importante ressaltar que não se trata de uma apologia contra o material didático, como declarou Marcos Masetto:

Em nosso entender, o livro-texto pode ser utilizado como um dos recursos para a aprendizagem. Pode até se apresentar como um texto-base comum a todos os alunos, mas não deve constituir a única fonte de informações, ou ser colocado como um compêndio para todos os conteúdos temáticos. (MASETTO, 1997, p. 94).

O autor enfatiza, ainda, que os textos não estão somente nos livros didáticos, mas também em outros gêneros textuais como: jornais, revistas, músicas, filmes, imagens etc. Os professores devem considerar o livro como ponto de apoio, mas também um meio interessante e necessário para que os estudantes tenham acesso ao conhecimento que lhes são devidos; porém, articulados com outros tipos de abordagens que facilite, interaja e contextualize os conteúdos ensinados na escola.

Essa condição de operacionalização da atividade docente pode se associar à visão do pessimismo ingênuo da educação brasileira, apontada por Cortella (1998). O

novo contexto socioeconômico de uma economia mais liberal, a partir da década de 1970, afetou a função do contexto escolar para a sociedade brasileira:

[...] a educação tem, isso sim, a tarefa primordial de servir ao Poder e não atuar no âmbito global da Sociedade e, por isso, é nada mais do que um *instrumento da dominação*. A esta visão, daremos o apelido de pessimismo ingênuo. (CORTELLA, 1998, p. 133).

Nesse sentido, a educação brasileira segue a tendência de atribuir ao professor a função de agente das elites econômicas, visto que a escola é um dos aparelhos de repressão do Estado (ARE), em concordância com as ideias acerca da AD defendidas por Althusser, servindo-se assim para a perpetuação do sistema, já que as atividades escolares serviriam para controle e manipulação das massas, com objetivo de preparar o aluno para o mercado de trabalho e, dessa maneira, evitar qualquer tipo de pensamento crítico sobre o contexto social, político e econômico em que se vive. Para isso, o funcionamento da instituição escolar seria semelhante ao de uma fábrica: O docente seria uma espécie de supervisor ou, como bem colocou o aluno C.D.F.S: “o professor é um instrutor”, que procede sobre técnicas simples e prontas para serem ministradas, conforme nos disse Geraldi (2010), que caracterizou o professor contemporâneo como um operacionalizador, pois opera de acordo com as instruções do seu material didático, como foi dito anteriormente.

A expressão do pessimismo ingênuo advém, tanto de atribuir à educação um valor pejorativo, por atribuí-la como um aparelho do poder hegemônico e de reprodução das desigualdades, quanto desvaloriza os antagonismos políticos e socioeconômicos vivenciados pela instituição escolar. Dessa forma, o professor deveria assumir um papel central e consciente das suas práticas em sala de aula. Não deve, somente, ter como único e diretivo suporte teórico o seu material didático. Os conteúdos precisam ser encaixados no contexto do aluno, ou seja, as aulas deveriam tomar o rumo do aqui e do agora, como propõem Geraldi (2010) e Masetto (1997). Por conseguinte, os alunos sentir-se-iam partes integrantes do processo de ensino e aprendizagem, porque enxergariam a importância de compreender o conteúdo ensinado, através da sua aplicação no contexto em que estão inseridos.

Os discursos dos alunos, voltados a conceber o professor como auxiliar do processo de ensino e aprendizagem, estão muito mais ligados a uma perspectiva

ampliada de professor enquanto mediador, aliado como um profissional que busca atribuir sentido ao ensinar, do que a um profissional operacionalizador, preocupado apenas em transmitir conteúdo. É importante o docente perceber que o aluno o enxerga com base em uma visão mais humana, enquanto sujeito que acompanha o aprendizado do discente, ao tempo em que tenta compreender esse processo de ensino e aprendizagem como alguém que se preocupa com o outro. Trata-se de uma visão bastante positiva e gratificante, que valoriza a atuação docente.

3.2 Categoria 2 - Discursos marcados pela desvalorização do docente

Algumas concepções pré-estabelecidas, histórica e culturalmente, estão arraigadas na nossa sociedade, como: a precarização e desvalorização da profissão, os baixos salários e condições de trabalho, o que tem diminuído a procura por essa profissão, o que percebemos claramente nas respostas dos alunos, onde dos 14 entrevistados, apenas 2 disseram que gostariam de ser professor. Libâneo reitera que: “nunca se falou tanto da (des)valorização da educação, do magistério, e nunca a atividade pedagógico-docente foi tão desvalorizada, especialmente a partir das políticas públicas” (LIBÂNEO, 2010, p. 172).

Analisemos, pois, alguns trechos de discursos:

*Aluno L.J.P: [O que é ser professor?] “...é ter amor ao aluno acima da própria profissão, que **não é tão bem valorizada aqui no Brasil**”... [Como você formou essa imagem a respeito do professor?] “Formei a partir do desrespeito do governo com a profissão, e não só o governo, o desrespeito de sala de aula também. E, se ele não gostasse tanto do aluno, eles não continuariam a nos guiar.”*

*Aluno L.K.S: [Você gostaria de ser professor?] “**Não, por ser uma profissão não tão reconhecida, apesar de ser extremamente essencial para tudo.**”*

*Aluno C.D.S: [Você gostaria de ser professor?] “**Não no momento, porque alguns professores sofrem muito e não são recompensados.**”*

*Aluno J.C.D: [Você gostaria de ser professor?] “**Não, pois os professores não são valorizados.**”*

Nos discursos acima, percebe-se que os alunos admitem que a profissão docente é desvalorizada. No entanto, os alunos admitem que, apesar das adversidades, reconhecem e respeitam o trabalho docente.

É importante observar alguns trechos das respostas selecionadas, por exemplo: a resposta do aluno L.J.P., que conceitua o professor como um sujeito que tem “*amor ao aluno acima da própria profissão, que não é tão bem valorizada aqui no Brasil*”. Esta definição tem origens histórico e culturais dentro do nosso contexto educacional. L.J.P. concebe o professor dentro da visão otimista ingênua, como explicou Cortella por atribuir à escola:

Uma missão salvífica, ou seja, ela teria um caráter messiânico; nessa concepção, o educador se assemelharia a um sacerdote; teria uma tarefa quase religiosa e, por isso, seria portador de uma vocação. Na relação com a sociedade, é de que a educação seria a *alavanca* do desenvolvimento e do progresso. (CORTELLA, 1998, p.131).

Tal concepção entende o professor como um sacerdote que possui uma virtude e uma missão de salvação, estando assim autorizado a receber um salário irrisório e a trabalhar sob qualquer tipo de condição, desqualificando ainda mais a categoria docente. É evidente que a atuação do professor é basal para a sociedade, como nos lembra Sacristán, ao afirmar que são “frequentes as declarações sobre a importante missão que lhes incumbe” (SACRISTÁN, 1995, p. 67). Mas essa valorização não está presente em nossa sociedade.

Uma resposta por parte de um dos alunos, em especial, nos chamou a atenção quando perguntamos, no questionário, como ele formou sua imagem do professor, o qual respondeu: “[...] foi vendo ele na sala dando aula, e vendo os exemplos nas TVs e revistas, e com o aprendizado que eles me ensinam”. A fala desse sujeito corrobora com o que Nacarato *et al.* afirmam:

Há alguns anos, a imagem do(a) professor(a) raramente aparecia na mídia, com exceção de programas humorísticos em que se caricaturava o professor e a professora, numa sala de aula, como alguém mal-humorado, impaciente e parcial. Hoje ela é frequente, sendo explorada inclusive em personagens de novelas de grande audiência, o que não significa dizer que a profissão docente tenha começado a ser valorizada. Não podemos ignorar o papel ideológico desempenhado pela mídia, trazendo consequências para o modo de pensar e agir das pessoas. (NACARATO *et al.*, 1998, p. 97).

A desmotivação em seguir a carreira de magistério é clara no discurso dos sujeitos, com base em concepções historicamente pré-estabelecidas, que permeiam

a precarização e desvalorização da profissão docente; entretanto, os alunos respeitam e reconhecem o empenho do professor.

3.3 Categoria 3 - Discursos marcados por tratar a figura do professor como portador de conhecimento ilimitado

Essa categoria tem o propósito de analisar como algum dos discentes identificam a figura docente como alguém portador de um saber ilimitado, que não está sujeito a erros. Apesar do reconhecimento da desvalorização docente no Brasil, como foi visto na categoria anterior, os alunos julgam o professor como um ser culto e que é dotado de um saber a quem poucos têm acesso.

Aluno J.H: [Você gostaria de ser professor?] “Não, pois não teria capacidade de ser um, pela minha dificuldade de lembrar de algumas coisas”.

Aluno J.C.D: [O que é ser professor?] “Professor é uma pessoa muito importante para as pessoas, uma pessoa muito inteligente”.

Aluno L.A.G: [O que é ser professor?] “É aquele ser que transfere todo seu conhecimento e, conseqüentemente, dá a outro ser uma oportunidade de estabelecer uma ótima concepção da vida (...).”.

Aluno A.S.: [O que é ser professor?] “É ser responsável pela formação das pessoas”.

Além de termos identificado, logo na primeira categoria, alunos que expressavam, em seus discursos, que práticas de ensino inovadoras estavam sendo colocadas em prática, encontramos também discursos em que muitos deles possuem a crença da figura do professor como: *“uma pessoa muito inteligente”*, ou então aquela figura tradicional do professor como um “ser que transfere todo seu conhecimento e, conseqüentemente, dá a outro”, corroborando com as antigas práticas de ensino, mas que ainda ocorrem na atualidade.

Atestamos essa pluralidade, através do discurso de alguns alunos que, ora denunciavam o estilo tradicional e autoritário de alguns professores, como nas duas respostas da aluna C.V.M.S: “A grande maioria usa o livro como única base, o que acho errado; porém alguns ensinam de um jeito completamente simples e com base em várias outras coisas”. “Há professores que não aceitam críticas construtivas (mas amam criticar os alunos); enquanto há outros que reveem alguns conceitos e, assim, o convívio em sala torna-se ótimo”. E ora dizem suas relações com os diversos tipos

de professores da escola, como afirma o aluno L.A.G: “Há uma certa divisão de personalidades: tem o chato, impaciente, legais, engraçados, lesados, extraordinários; e ela, a maravilhosa professora de História. Ah, ela é incrível!”.

Essa categoria evidencia a percepção da figura docente por parte do aluno como alguém “superior”, que “sabe tudo”, que “sabe mais” e que “não erra”. Trata-se de uma perspectiva positiva; porém, exagerada, que embute no professor uma carga muito pesada. Entretanto, essa percepção nos mostra que o professor passa uma visão positiva e profissional, apesar de que cada um faz uso dessa qualidade de diferentes formas, ora positivas, ora nem tanto.

3.4 Categoria 4 - Discursos marcados por reconhecer as dificuldades do professor em lidar com a indisciplina em sala de aula

A indisciplina em sala de aula é observada por professores e pelos próprios alunos, a qual apresenta-se como uma grande dificuldade no contexto escolar. Historicamente, houve transformações no contexto da sala de aula, da escola e do professor, que trouxeram alterações na forma de ensinar, acarretando o quadro de indisciplina, que temos vivenciado atualmente.

Libâneo pondera que a disciplina da classe é conquistada por meio de um conjunto de características do professor: “A disciplina da classe está diretamente ligada ao estilo da prática docente, ou seja, à autoridade profissional, moral e técnica do professor.” (LIBÂNEO, 2013, p. 277), sendo a autoridade profissional referente ao domínio da matéria que leciona, dos métodos de ensino e em saber lidar com os alunos e com o trabalho docente. A autoridade moral diz respeito à personalidade do professor, como: dedicação, caráter e sensibilidade; já “a autoridade técnica constitui o conjunto de capacidades, habilidades e hábitos pedagógico-didáticos, que se fazem necessários para dirigir com eficácia a transmissão e assimilação de conhecimentos pelos alunos” (LIBÂNEO 2013, p. 277).

Existem várias hipóteses sobre a indisciplina. Quanto a isso, Aquino defende que o professor é o centro do processo, e a disciplina deve ser conquistada por ele.

[...] Qual tem sido o teor de nosso envolvimento com essa profissão? Temos nos posicionado mais como agentes moralizadores, ou como professores em sala de aula? Temos nos queixado das famílias mais do que deveríamos ou, ao contrário, temos nos dedicado com mais

afinco ainda ao nosso campo de trabalho? Temos encarado os alunos, nossos parceiros de trabalho, como filhos desregrados, frutos de famílias desagregadas, ou como alunos inquietos, frutos de uma escola pouco desafiadora intelectualmente? Enfim, indisciplina é uma resposta ao fora ou ao dentro da sala de aula? (AQUINO, 1998, p.7).

O autor apresenta algumas premissas pedagógicas fundamentais, que balizam o trabalho docente: *O conhecimento*, objeto exclusivo da ação do professor; *a relação professor-aluno*, o núcleo do trabalho pedagógico; *a sala de aula*, onde a educação escolar acontece de fato; e o *contrato pedagógico*, que trata das regras de convivência. Tais premissas dizem respeito ao trabalho docente. Sendo assim, cabe ao professor a motivação dos alunos para a aprendizagem. Nos discursos subsequentes dos alunos, percebe-se claramente que, para eles, esse é um papel do professor, que pode ser conquistado por meio da “paciência”:

Aluno A.S.N: [Qual a característica mais marcante em um professor?] “A paciência em estar com nós todos os dias.”

Aluno J.W.N: [Qual a característica mais marcante em um professor?] “A paciência”.

Aluno D.F.S: [Qual a característica mais marcante em um professor?] “A maioria, a paciência”.

Aluno A.S.B: [Você gostaria de ser professor?] “Não, não teria paciência para lidar com alunos inadimplentes (indisciplinados)”.

Aluno L.J.P.S: [Você gostaria de ser professor?] “Não, porque não tenho paciência”.

Aluno: L.K.S.C: [O que é ser professor?] “É ser herói; é vir todos os dias para um “hospício”, simplesmente por amor à profissão”.

Assim sendo, dos 14 alunos, 6 deram alguma ênfase a essa questão em seus discursos. Historicamente, a relação professor-aluno se modificou bastante. Antes o professor detinha, não só a posse do conhecimento, mas também a autoridade disciplinar sobre a turma; porém, nas últimas décadas, o comportamento dos alunos se alterou significativamente e a indisciplina é uma das principais causas, que impedem o professor de cumprir seu planejamento. Tal indisciplina acontece, segundo Nacarato *et al.*, porque:

[...] as relações entre os diferentes atores estão mudando, em decorrência das transformações ocorridas na sociedade, na estrutura e na dinâmica familiar, nas relações de convivência e poder. Isso vem gerando, dentre outras consequências, sujeitos mais insatisfeitos e, muitas vezes, menos passivos, mais agressivos e mais violentos. (NACARATO *et al.*, 1998, p. 81).

Entretanto, cabe aos professores, conforme orienta AQUINO (1998), lidar com essas adversidades, percebendo a indisciplina do aluno como energia desperdiçada: “[...] a indisciplina do aluno pode ser compreendida como uma espécie de termômetro da própria relação do professor com seu campo de trabalho, seu papel e suas funções”. (AQUINO, 1998, p. 6).

Outro ponto destacável foi o discurso de L.K.S.C., ao afirmar que o professor é “um herói” por ter coragem de trabalhar em “um hospício”, referindo-se à sala de aula, apenas por “amor à profissão”. O aluno em questão corrobora mais uma vez com o discurso otimista ingênuo de Cortella (1998), como já foi visto no tópico acerca das concepções das relações entre escola e sociedade, que concebe o profissional docente como um sacerdote, alguém que tem uma missão divina na terra, ou como, nas palavras de L.K.S.C.: “um herói” com superpoderes para aturar a indisciplina das turmas, exigindo pouca coisa em troca. Assim, a “paciência”, como foi bastante pontuada pelos seis alunos mencionados, seria um dom divino do professor, ser capaz de suportar qualquer tipo de desordem em sala de aula, pois o amor à profissão está acima da sua valorização profissional.

A quarta categoria nos traz elementos do mundo atual, que suscitam dificuldades advindas das novas formas de criação dos filhos, as quais alteraram a dinâmica do contexto escolar. Os próprios alunos, em seus discursos, apontam essa como uma das maiores dificuldades dos professores, quando têm que lidar, cotidianamente, com a indisciplina dos alunos.

Considerações finais

O objetivo deste Artigo foi analisar a construção dos discursos que os alunos possuem a respeito da figura do professor e da profissão docente. Percebeu-se, por meio das quatro categoriais analisadas, que as respostas dos discentes foram influenciadas: tanto por meio da percepção cotidiana com as suas interações com os

mais variados tipos e estilos de professores, como também através das imagens que a sociedade projeta acerca da profissão docente.

Podemos inferir algumas reflexões sobre a figura social do professor, com base nas categorias a partir das quais analisamos os discursos dos alunos: Os discentes percebem o docente como mediador de conhecimentos, empenhado em possibilitar aos alunos a aprendizagem. Entretanto, a segunda categoria evidencia que os alunos percebem que há, historicamente, uma desvalorização docente perante a sociedade; não diretamente perante os alunos, visto que, na categoria três, idolatram o professor como um profissional dotado de muito conhecimento, mas que enfrenta dificuldades além da desvalorização, como em lidar com a indisciplina em sala de aula, conforme ponderamos na quarta e última categoria.

Nosso maior objetivo, neste artigo, foi mostrar como os perfis docentes são materializados, através dos discursos dos alunos sobre o professor: desvalorizado, sabe-tudo, construtor de conhecimento, ou o que é obrigado a lidar com a indisciplina das suas turmas. Outrossim, nosso objetivo foi, também, constatar que não foram desenvolvidos originalmente pelos discentes, ou pelas fontes das quais tiveram acesso; mas que foram formados, historicamente, por intermédio da linguagem. Portanto, nossa contribuição, neste artigo, é abrir espaço para uma reflexão mais ampliada com características positivas e negativas a pesar, pois cabe a nós, professores, sujeitos estereotipados, refletir e agir, para que a nossa imagem social e profissional seja reconstruída e aprimorada no cenário nacional brasileiro.

Notas

* Ana Carolina Faria Coutinho Gléria é professora doutora do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: carolina@cedu.ufal.br

** Herbert Luan Lopes da Silva é graduando em Letras-Português pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: herbertluan97@hotmail.com

Referências

AQUINO, Julio Groppa. A indisciplina e a escola atual. **Rev. Fac. Educ.**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 181-204, Julho, 1998.

CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento**: Fundamentos epistemológicos e políticos. Cortez Editora, 1998.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998. Vol. 7.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010. Vol. 1.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública**: A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos. São Paulo: Loyola, 2014.

_____. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2013.

_____. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 12 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MASETTO, Marcos. **Didática**: a aula como centro. São Paulo: FTD, 1997.

MUSSALIM, Fernanda. 'Análise do Discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C (orgs.). **Introdução à linguística**. Vol.2: domínios e fronteiras. 8.ed. São Paulo, Cortez, 2012.

NACARATO, Adair Mendes; VARANI, Adriana; CARVALHO, Valéria de. O cotidiano do trabalho docente: palco, bastidores e trabalho invisível... Abrindo as cortinas. In: GERALDI, Corinta Maria Grisolia. FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar. (Orgs.). **Cartografias do trabalho docente**: professor(a) - pesquisador(a). Campinas, SP: Coleção Leituras no Brasil, 1998.

SACRISTÁN, Gimeno. Consciência e Ação sobre a Prática como Libertação Profissional dos Professores. In: NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor**. Portugal: Porto Editora, 1995.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

Recebido em: agosto de 2019.

Aprovado em: janeiro de 2020.